

O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO NA RELAÇÃO VERBO-GESTUAL: UM RECORTE DO VIDEOBLOG “SALTO AGULHA”, DE TVEJA

Ivanilson José da Silva¹ (PPGL-UFPE/FACEPE)

Thaís Ludmila da Silva Ranieri² (UFRPE/UAST)

Cleber Alves de Ataíde³ (UFRPE/UAST)

RESUMO: Pesquisadores como Cavalcante e Custódio Filho (2010) vêm refletindo sobre a necessidade de se admitir uma noção de *texto* como algo que não se restringe a elementos de natureza verbal e que os elementos não verbais são essenciais para a interlocução entre os sujeitos. A partir dessa premissa, este trabalho apresenta um recorte do nosso trabalho de conclusão de curso (TCC) onde buscamos investigar os aspectos ligados ao fenômeno da referenciação com a multimodalidade, procurando compreender a categorização de alguns referentes no programa de TV *web* “Salto Agulha”, do site de *veja.com*. A partir de Mondada & Dubois (2003) e de Bentes & Rio (2005) entendemos que as palavras nem sempre têm relação estável com o objeto designado e, por isso, precisamos levar em conta não só o ato de enunciação, mas também o contexto e as relações interpessoais. Estes e outros estudos também têm mostrado a relação entre não verbal e verbal, considerando também o gestual, na construção dos referentes (MONDADA, 2005; CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010; PEREIRA, 2010; RAMOS, 2012; RANIERI, 2015), embora ainda seja pequeno o número de trabalhos que se dedicam a essa articulação. Diante disso, nosso objetivo foi analisar a articulação entre o verbal e o gestual no processamento dos referentes em um dos vídeos do “Salto Agulha”, estudado no TCC. Nossa análise mostra, a partir de Dionísio (2007) e Ranieri (2015), a classificação dos gestos que estão associados a algum item verbal, ratificando a característica multimodal da língua, e a relação do verbal com o gestual como fator bastante relevante no processamento cognitivo e na construção de referentes. A partir disso, também reiteramos a ampliação da noção de *texto* defendida por Cavalcante e Custódio Filho (*Idem*).

PALAVRAS-CHAVE: Texto; Referenciação; Multimodalidade; Verbal e gestual; Audiovisual.

RESUMEN: Investigadores como Cavalcante y Custódio Filho (2010) vienen reflexionando sobre la necesidad de admitirse una noción de *texto* como algo que no se restringe a elementos de naturaleza verbal y que los elementos no verbales son esenciales para la interlocución entre los sujetos. Desde esa premisa, este trabajo presenta un recorte de nuestro trabajo de conclusión de curso (TCC) en el cual buscamos investigar los aspectos relacionados al fenómeno de la referenciación con la multimodalidad, buscando comprender la categorización de algunos referentes en el programa de TV *web* “Salto Agulha”, del sitio de *veja.com*. Basados en Mondada & Dubois (2003) y de Bentes & Rio (2005), comprendemos que las palabras no siempre tienen relación estable con el objeto designado y, por ello, necesitamos llevar en cuenta no solo el acto de enunciaci3n, sino tambi3n el contexto y las relaciones interpersonales. Estos y otros estudios tambi3n vienen demostrando la relaci3n entre no verbal y verbal, teniendo en cuenta tambi3n lo gestual, en

¹ Mestrando em linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, com bolsa da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE). E-mail: ivanilsonslive.com.

² Professora do Departamento de Letras da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST-UFRPE).

³ Professor do Departamento de Letras da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST-UFRPE).

la construcción de los referentes (MONDADA, 2005; CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010; PEREIRA, 2010; RAMOS, 2012; RANIERI, 2015), aunque todavía sea pequeño el número de trabajos que se dedican a esa articulación. Ante eso, nuestro objetivo fue analizar la articulación entre lo verbal y lo gestual en el procesamiento de los referentes en uno de los videos del “Salto Agulha”, estudiado en el TCC. Nuestro análisis muestra, a partir de Dionísio (2007) y Ranieri (2015), la clasificación de los gestos que están asociados a algún ítem verbal, ratificando la característica multimodal de la lengua, y la relación de lo verbal con lo gestual como factor bastante relevante en el procesamiento cognoscitivo y en la construcción de referentes. A partir de eso, también reiteramos la ampliación de la noción de *texto* defendida por Cavalcante y Custódio Filho (*Idem*).

PALABRAS-CLAVE: Texto; Referenciación; Multimodalidad; Verbal y gestual; Audiovisual

1. Introdução

As primeiras ideias sobre o que vem a se chamar hoje de Linguística Textual (LT), se formam a partir de 1960, na Europa, mais precisamente na Alemanha. No Brasil, a LT surge a partir dos anos 1980 e o primeiro trabalho nesta linha foi *Por uma gramática textual* (1981), de Ignácio Antônio Neis, (PUC-RS). Em 1983, durante o IV Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa, na PUC-SP, dois outros trabalhos que se tornam as bases da LT no Brasil foram publicados: *Linguística de texto: o que é e como se faz?*, de Luiz Antônio Marcuschi, e *Linguística textual: introdução*, de Leonor Fávero e Ingedore Koch (FÁVERO, 2012). No que se refere ao desenvolvimento da LT, Pagliosa (2012, *In: MARCUSCHI, 2012, p. 12*) destaca três grandes momentos na sua evolução: o primeiro que se atem aos estudos interfrasais e transfrasais, o segundo quando surge a gramática textual e o terceiro quando “[...] surge a linguística do texto, propriamente dita, preocupada com os fatores de produção, recepção e interpretação de textos”. Nosso foco de trabalho está no terceiro momento, pois é a partir daí que o objeto da LT passa a ganhar contornos mais visíveis, e é dentro dessa visão que também destacamos a concepção de língua como lugar de interação (KOCH, 2002), que reflete na concepção de texto que adotamos.

O presente artigo traz um recorte do nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), defendido em dezembro de 2015, e neste momento interessa-nos investigar os aspectos ligados ao fenômeno da referencição dos textos, buscando compreender a construção de referentes envolvendo a multimodalidade a partir da análise de uma das edições do programa de TV via *web* “Salto Agulha”, de TVEJA (de veja.com). O número de trabalhos nessa perspectiva ainda é pequeno se considerarmos um levantamento feito em sites de programas de pós-graduação e revistas eletrônicas. O número diminui ainda mais quando buscamos trabalhos que investiguem a oralidade; temos, por exemplo, Pereira (2010) e Ranieri (2015), ou na interface entre fala e escrita, que não houve exemplos encontrados.

Assim, nosso **objetivo geral** é analisar a articulação entre o verbal e o gestual no processamento dos referentes em um dos vídeos do *corpus* utilizado no TCC. E os **específicos** são (1) discutir a noção de textos a partir de sua articulação com a perspectiva da multimodalidade, tendo por base as relações entre as modalidades escrita e falada da língua; (2) identificar os recursos gestuais/multimodais nas construções dos referentes presentes no vídeo; e (3) avaliar os efeitos de sentido atribuídos aos referentes na sua relação com os recursos multimodais.

Este trabalho encontra-se dividido nos seguintes tópicos: (1) introdução, já apresentada, referencial teórico, com a (2) definição de texto adotada e as discussões em torno do objeto da LT, além das questões sobre (3) o processo de referenciação, chegando por último à (4) multimodalidade. Em seguida apresentamos os (5) aspectos metodológicos, as (6) análises e (7) considerações finais.

2. Definição de *texto*

Para Cavalcante & Custódio Filho (2010), apesar da dificuldade de se chegar a uma definição única do que vem a ser um *texto*, os estudos sobre tal fenômeno entram em consenso ao concordar que se trata de algo composto de um aparato sociocognitivo, que não é apenas verbal ou *cotextual*⁴, mas interdiscursivo, cognitivo, interacional, social e *contextual*. Eles asseguram que o *cotexto*, por si só, não garante os sentidos em sua completude, embora ele seja, na maioria das vezes, fundamental como ponto de partida.

A presença de elementos não verbais no rol dos estudos da língua(gem) tem sido um dos desafios a ser enfrentado teoricamente no campo da LT. Por isso, percebendo algumas limitações do estatuto do texto em relação a possíveis investigações, Cavalcante & Custódio Filho (2010, p. 64) propõem uma “revisitação” à definição apresentada por Koch (2004) sobre a complexidade do evento comunicativo denominado *texto*. Basicamente a mesma definição havia sido formulada em Koch (2002, p. 17), mas é a partir da versão mais recente em Koch (2004), apresentada a seguir, que eles propõem uma modificação:

A produção de linguagem constitui *atividade interativa* altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal. (KOCH, 2004, p. 33 – grifos da autora).

Assim, os autores, consideram o *texto* como um objeto multifacetado e fazem duas alterações da versão acima por meio da (1) inserção de “verbal e não verbal” e a (2) exclusão de “linguísticos”, conforme vemos abaixo:

A produção de linguagem [verbal e não verbal] constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos [linguísticos] presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal. (CAVALCANTE & CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 64).

⁴ *Cotexto* refere-se apenas ao estrutural do texto, isto é, a questões linguísticas, que podem também ser icônicas e imagéticas, sem levar em conta, por exemplo, questões extralinguísticas (contexto), que consideram a pragmática e fatores sociais e históricos, por exemplo.

A inclusão do ‘verbal e não verbal’ acrescenta a possibilidade de considerarmos questões de produção de linguagem que não se limitam necessariamente a modalidade verbal da língua. Assim como, o apagamento da expressão ‘linguísticos’, também justifica a possibilidade de incluirmos, nesse campo, outras *semioses* que fazem parte das manifestações da língua nas situações de uso, mas que não são formadas de relações verbais ou linguísticas.

3. O processo de referenciação

Mondada & Dubois (2003) esclarecem que, sejam diacrônica ou sincronicamente, as formas de descrever e/ou categorizar e referenciar o mundo estão em constantes mudanças, quer nas formas de discursos comuns ou quer nas formas dos discursos científicos. Rastier (1994 *apud* Mondada & Dubois, 2003, p. 20) considera que a referenciação não diz respeito a “[...] uma relação de representação das coisas ou dos estados de coisas, mas uma relação entre o texto e parte não-lingüística da prática em que ele é produzido e interpretado”.

Embora existam referentes considerados prototípicos, há possibilidades, afirma Ramos (2012), de um referente ganhar outro sentido no texto, suas considerações são ancoradas em Mondada & Dubois (2003) quando elas mostram que existe a necessidade de contrapor uma visão teórica que vê nas palavras uma representação exata do mundo. As pesquisadoras sugerem uma instabilidade referencial no texto, pois as palavras nem sempre estariam numa relação estável com o objeto designado.

Alguns estudos têm mostrado a relação do não verbal com o verbal como decisivas na construção dos referentes (MONDADA; DUBOIS, 2003; MONDADA, 2005; BENTES & RIO, 2005; CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010; CAVALCANTE, 2012; RAMOS, 2012; RANIERI, 2015). Os mesmos pesquisadores discutem que práticas gestuais, movimentos no espaço/corpo, expressões faciais e orientação no olhar, manifestações que não são preexistentes, mas produzidas no desenrolar da prática linguística, onde se dá a construção dos referentes. Daí a consideração de Mondada (2005) e Bentes & Rio (2005), de que as práticas referenciais são (ou podem ser) de caráter multimodal.

3.1. Sobre a construção de referentes

Sabemos que os tipos de referenciação podem ser de ordem *exofórica*, quando se referem a elementos que estão fora do cotexto, ou melhor, elementos que são da situação de comunicação e que necessitam desta para que o que foi expresso fique claro; e *endofórica*, quando se trata da ligação a elementos que estão dentro do cotexto. Nesse caso, consideramos aqueles elementos que retomam outro elemento dentro do texto sem a necessidade de considerar o extratextual. Em suma, há dois tipos de mecanismos referenciais: os relativos ao texto (endofóricos) e os relativos à situação de enunciação (exofóricos).

Neste trabalho destacamos apenas a referenciação por meio da **introdução referencial**, que “[...] ocorre quando um ‘objeto’ até então não apresentado é introduzido

no texto, sem que haja qualquer elemento do discurso em que ele esteja ‘ancorado’ anteriormente” (CAVALVANTE, p. 122); e das **anáforas**, que ocorrem quando fazemos a retomada de um referente já posto no texto por meio de novas expressões referenciais, essas estratégias dizem respeito à continuidade referencial.

4. Multimodalidade

Embora cada vez mais tenhamos em nosso cotidiano a exploração de recursos multimodais atrelados à tecnologia, ela sempre existiu e esteve presente em nossas vidas. Em nossas manifestações de fala estão imbricadas uma série de elementos que a torna multimodal. Sempre que falamos, estamos nos dirigindo a alguém e, nesse momento, fazemos gestos, apontamos, apresentamos entonações de voz que podem sinalizar uma pergunta, uma crítica, um elogio, concordamos ou discordamos por meio de um sinal (DIONÍSIO, 2007), entre tantas outras infinitas ações que complementam nossos atos de fala e que representam muito para que nossos interlocutores compreendam e interajam conosco.

O postulado de Dionísio (2007) de que a fala é multimodal porque se realiza através de recursos verbais e visuais, respalda o que mencionamos anteriormente. Ainda nesse sentido, as nossas interações face a face são compostas do uso de semioses que estão ligadas à fala e que são capazes, inclusive, de substituir expressões linguísticas. As nossas conversas espontâneas, aponta Dionísio, estão repletas dessa mistura que envolve o verbal e o gestual.

Pensando sobre a categorização de alguns dos referentes gestuais presentes em nossos atos de linguagem, Steinberg (1988, p. 3 *apud* DIONÍSIO, 2007, p. 181-182) apresenta cinco recursos que estão ligados às manifestações não verbais e são bastante recorrentes e empregados pelos falantes em interação face a face numa dada língua:

- 1) *paralinguagem*: sons emitidos pelo aparelho fonador, mas que não fazem parte do sistema sonoro da língua usada;
- 2) *cinésica*: movimentos do corpo como gestos, postura, expressão facial, olhar e riso;
- 3) *proxêmica*: a distância mantida entre os interlocutores;
- 4) *tacésica*: o uso de toques durante a interação;
- 5) *silêncio*: a ausência de construções linguísticas e de recursos da paralinguagem.

Segundo Dionísio (2007), em relação aos gestos que são audíveis, estes podem ser vistos sob a noção da paralinguagem e, no caso dos visuais, estes podem ser analisados no âmbito da cinésica. A pesquisadora afirma que a interação verbal encontra-se estruturada numa relação tríplice entre a linguagem, a paralinguagem e a cinésica. Ela complementa dizendo que mediante a isso, há uma necessidade de uma postura interdisciplinar por parte daqueles que estudam a oralidade, já que esses elementos são tão importantes nessa relação de desenvolvimento dos atos de fala.

Ainda em se tratando de gestos, Ranieri (2015) apresenta uma discussão, baseada em McNeill (1992; 2000), sobre o que se classifica por dois tipos de gestos, os gestos icônicos (GI) e os gestos metafóricos (GM). Ambos buscariam representar imagens, no entanto, há uma diferença: o GI estaria ligado a um conceito concreto e manteria “estreita relação com o conteúdo semântico do enunciado”, já o GM representaria conceitos mais abstratos.

5. Aspectos metodológicos

O *corpus* utilizado neste trabalho foi constituído a partir do site de *Veja.com*, mais precisamente da recém-lançada *TVeja*. O canal eletrônico apresenta basicamente o mesmo conteúdo lançado semanalmente por via impressa. O diferencial é que *TVeja* lança diariamente vídeos na *web* geralmente discutindo questões ligadas à política. Dentre os programas optamos por trabalhar como o videoblog *Salto Agulha*, apresentado pela jornalista Joice Hasselmann, programa lançado em agosto de 2014. Após um levantamento⁵ (SILVA, 2015, p. 40) para sabermos qual a principal temática tratada no programa, identificamos que todas as publicações tratavam de fatos relacionados à política ou a políticos brasileiros, e todos, sem exceção, remetiam de alguma forma ao governo petista, iniciado em 2003.

Quanto ao gênero, consideramos que se trata de um gênero jornalístico argumentativo⁶, em que a jornalista emite sua opinião de forma contundente, sem meias palavras e de forma bastante ácida.

Para este trabalho fizemos um recorte do *corpus* utilizado no TCC e trabalhamos aqui apenas com um vídeo, com duração de 2’ e 55’’, conforme detalhes na tabela a seguir. O material foi transcrito com base nas normas estabelecidas por Ranieri (2015, p. 13-14), que toma por base as normas de transcrição do projeto Norma Urbana Culta e McNeill (1992), a fim de preservarmos as características que pretendemos analisar.

Tabela 1: Descrição do vídeo analisado

Nº	Título do vídeo	Personagem principal	Duração	Publicação
01	A ganância do bando 2m 55s 08/03/2015 paramilitar	MST – Movimento dos de Stédile Trabalhadores Rurais	sem Terra	

Fonte: tabela montada pelo autor.

Nossa análise é de caráter qualitativo, pois privilegiamos compreender como se dá a ocorrência de referentes linguísticos associados a algum item não verbal e não sua

⁵ Consideramos o período de um ano que foi do início de novembro de 2014 ao final de outubro de 2015, em todas as publicações existia alguma referência ao governo petista.

⁶ Não nomeamos o gênero porque se trata de algo que, embora seja parecido com comentários que geralmente alguns jornalistas fazem ao noticiar um fato polêmico, suas configurações e o formato de progressão textual (peculiar) realizada pela apresentadora, o diferencia dos demais. Daí a opção de o chamarmos, genericamente, de comentário/opinião.

quantidade. Nossa análise leva em conta que se trata de um texto que, embora seja oral, foi textualizado anteriormente pelas convenções da escrita, como é comum no meio jornalístico em programas que são previamente gravados.

6. Análise

Como o material analisado possui características bastante peculiares, conforme nota anterior, com o intuito de facilitar a compreensão e apresentação da análise do TCC, separamos os vídeos em dois tipos de análises: 1) aberturas e finalizações e 2) desenvolvimento. Neste recorte trazemos apenas a parte correspondente ao desenvolvimento de um dos vídeos.

No vídeo analisado temos como foco o “financiamento do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST)”, que historicamente esteve ligado aos movimentos realizados pela classe trabalhadora e de esquerda, pelo Governo Federal. Além disso, há uma associação direta do MST com o comunismo e a luta armada. Para isso, a jornalista considera e compara o MST também com regimes como o venezuelano na era Chaves.

Em se tratando do nosso foco de pesquisa, temos, a partir de um tópico (neste caso L 02: “um grupo”), que classificamos como uma introdução referencial (IR), o desenvolvimento do texto e a construção de referentes que retomam o que foi colocado inicialmente. Nesses referentes temos, em sua maioria, casos de anáforas diretas (AD) que são construídas em associação com o gestual.

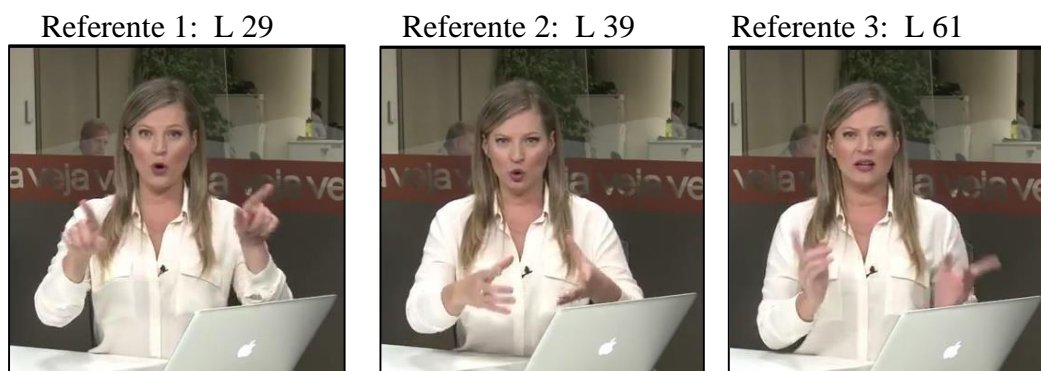
Por volta dos dez segundos, que corresponde a L 08, temos: “a Ú-NI-ca organização I-LE-gal”, o vocábulo “organização” naturalmente é um referente que retoma o tópico “um grupo”. Mas, o interessante é que embora não tenhamos registrado alguma ação gestual que esteja relacionada ao fragmento, a forma com que os vocábulos “única” e “ilegal” são pronunciados, em forma de silabação, dando mais ênfase por meio da entonação, nos leva a entender um reforço ou apelo.

Em três casos de referenciação ao tópico de abertura temos três referentes que são AD e estão associadas a gestos icônicos (GI), ou seja, uma AD + GI:

29 30 31 32 33 34 35	00:23	e agora <u>os componentes</u> têm nas mãos a comprovação por A mais B que SIM...	<i>Com as duas mãos bem próximas, e elevadas à altura do peito, levemente fechadas e soltas com apenas o dedo indicador de cada uma delas solto, faz movimentos para lados opostos formando algo semelhante a um semicírculo no ar.</i>
39 40 41	00:28	<u>esse grupo</u>	<i>Eleva as mãos à altura do peito e simula o formato de uma bola com as mãos abertas e levemente encurvadas.</i>
61 62 63 64 65 66	00:37	<u>os integrantes</u> defendem	<i>Com as duas mãos bem próximas, elevadas rapidamente à altura do peito, faz movimentos com os dedos indicadores para lados opostos formando algo semelhante a um semicírculo no ar.</i>

Os referentes “os componentes”, “esse grupo” e “os integrantes” são expressos juntos a manifestação gestual com as mãos e os dedos que dá ideia de círculo, de ajuntamento de componentes, como podemos ver nas descrições presentes na coluna quatro. Temos nesses casos o reforço do gesto que complementa e enfatiza o que foi dito por via verbal.

Vejam os a captação das imagens dos três momentos:



Embora o segundo gesto seja feito de maneira diferente, dessa vez sem o uso dos dedos indicadores fazendo uma circunferência no ar como na primeira e na última, temos nos três movimentos que ensaiam um círculo, que iconicamente está associado aos referentes “grupo”, “componentes” e “integrantes”.

Temos também, a partir dos fragmentos a seguir, referentes que são AD e que identificamos por meio das ações não verbais gestos metafóricos (GM), assim os referentes se constituem de AD + GM:

53	00:36	que <u>o grupo</u> quer liquidar...	<i>Suspende os antebraços da bancada e põe as mãos abertas na vertical, um pouco distantes e quase paralelas, direcionando-as para a direita e bate de leve.</i>
54			
55			
56			
57			
78	00:45	justamente para <u>esse grupo</u> ...	<i>Suspende os antebraços da bancada e põe as mãos abertas levemente na vertical, um pouco distantes e quase paralelas, direcionando-as para a sua esquerda.</i>
79			
80			
81			
82			

Através da observação, percebemos que a descrição do momento de produção dos referentes em destaque na coluna quatro associa-se à produção verbal e temos aí construções de gestos metafóricos, como explica Ranieri (2015). Na L 53: “o grupo” e L 78: “esse grupo”, temos em ambos os casos uma AD, que retoma o tópico introduzido no início do vídeo. Primeiro há uma anáfora que é constituída de um artigo definido + nome, que se transformam em um SN, depois temos um pronome demonstrativo + nome.

Analisando as expressões verbais supracitadas, associadas ao não verbal, percebemos que a realização do gesto não representa diretamente a aproximação com a imagem, como no caso dos GI. Temos GM que são gestos abstratos que, embora não construam a relação imagética com a referência verbal que foi pronunciada, eles desempenham um papel interpretativo relevante. Vamos às imagens:

Referente 4: L 53



Referente 5: L 78



A partir da primeira imagem acima (e retomando a descrição do momento destacado no vídeo) percebemos que a apresentadora bate de leve com as pontas dos dedos sobre a mesa ao pronunciar o referente “o grupo”. Esse gesto faz com que o referente possa ser entendido com uma carga semântica mais forte, pois não temos apenas um referente aparentemente neutro que serve apenas para passar a ideia de “grupo”, inclusive presente na introdução do vídeo. Ele ganha carga semântica pelo fato de esse grupo, ao qual ela se refere ser do MST, que em sua perspectiva é algo ‘ruim para o país e para a democracia’ e que precisa ser banido, como no decorrer da sua fala percebemos que essas coisas ficam bem claras.

Na imagem seguinte, também temos um caso em que a carga semântica de “esse grupo” é ampliada à medida que consideramos os gestos da apresentadora, associando a imagem com a descrição do vídeo sendo executado. Ao juntar o verbal com o gestual, quando ela se refere a “a esse grupo”, metaforicamente pensamos em um grupo que está à margem de tudo. O gesto de direcionar as duas mãos para um de seus lados da maneira que ela faz, junto da entonação de sua voz, nos remetem a uma interpretação que entende que o grupo ao qual ela se refere não é digno de confiança.

Outros três casos da associação entre verbal e gestual interessantes são:

107 108 109 110	00:51	o governo financia <u>essa gente</u> que tem um discurso que na prática é uma agressão ao Esta::do democrático de direiTO...	Com o pescoço mais a frente e os olhos bem abertos e as sobrancelhas levantadas, gesticula levemente de forma negativa com a cabeça.
126 127	01:06	<u>nossa organização brasileira</u> fez um documentário...	Com o pescoço mais a frente, gesticula negativamente com a cabeça.
176 177 178	02:28	o Salto Agulha é pra <u>essa organização:: paramilitar:: travestida de movimento</u>	Gesticula levemente várias vezes de maneira negativa com a cabeça juntando as sobrancelhas levemente.

Na expressão referencial, L 107: “essa gente”, temos mais uma AD, formada por um pronome demonstrativo + um nome. Entretanto, esse pronome não cumpre exatamente a função demonstrativa. Dentro do contexto em que ele foi colocado, geralmente essa é uma forma de uso recorrente na língua para marcar desprezo e repulsa sobre uma classe. Assim, “essa”, passa a ser uma forma de separar, isto é, de categorizar um grupo.

Nos dois exemplos seguintes, L 126: “nossa organização brasileira” e L 176-177: “essa organização paramilitar travestida de movimento”, temos novamente a retomada ao referente construído no tópico e o acréscimo de informações. No primeiro é acrescentado o especificador “brasileira”, para a retomada da referência ao MST, após as referências

feitas a Venezuela e seu governo e, no segundo, temos a classificação da “organização” que também age como complemento de informação semântica ao afirmar: “[...] paramilitar travestida de movimento”.

Ao olharmos especificamente para o início das duas construções que servem como referentes para a retomada do tópico de abertura, há uma disparidade semântica entre “nossa” e “essa”, se pensarmos apenas no aspecto verbal, já que “nossa” (pronomes possessivo de 1ª do plural) tem a função de incluir, sobretudo quem fala, na aceitação da condição possuidora. Já “essa” (pronomes demonstrativo) coloca a situação como externa, que não necessariamente se concorda ou comunga com aquilo (como citamos em relação ao exemplo da L 107). No entanto, ao considerarmos o aspecto não verbal na construção de tais referentes, perceberemos que em ambos os casos há manifestação negativa através do gesto da cabeça da apresentadora.

Vamos às imagens para outras considerações:

Referente 6: L 107



Referente 7: L 126



Referente 8: L 176-177



No referente 6: L 107, temos um caso de gestos faciais que podem se relacionar de maneira mais direta com o referente construído, pois ela demonstra uma expressão que podemos associar a irritação, assim teríamos um caso de GI. No referente 7: L 126, a maneira irônica com que ela produz a expressão referencial mais o gesto negativo com a cabeça é que são responsáveis por chegarmos a conclusão de que o sentido mais comum de “organização” é negado principalmente pelo seu movimento com a cabeça.

Em 8: L 176-177, o gesto das sobrancelhas mais juntas com o alongamento dos termos dá ideia de desprezo. Assim, entendemos que os gestos que são feitos com a face (olhos mais abertos, sobrancelhas levantadas, e sobrancelhas juntas) além do movimento da cabeça dando sinal negativo, os referentes, sobretudo no caso da L 126, passam a não ser tão neutros e a relação verbo-gestual é quem caracteriza a situação.

7. Considerações finais

Considerando os achados no material analisado, ratificamos que se faz necessária a ampliação da noção de texto, conforme as considerações feitas por Cavalcante & Custódio Filho (2010) e por outros trabalhos já citados (BENTES & RIO, 2005; PEREIRA, 2010, RAMOS, 2012; RANIERI, 2015). A configuração do texto ultrapassa as questões estritamente linguísticas, pois percebemos que os elementos não verbais,

como gestos, maneios de cabeça, movimentação das sobrancelhas, expressões faciais marcadas, agem como complemento reforçador do referente linguístico.

Em relação ao tipo de material analisado, consideramos também que embora seja um tipo de texto que quase todas as vezes é planejado previamente, sendo escrito para ser usado em *teleprompter* ou por meio de *script*, ainda assim ele recebe influências da linguagem não verbal. É comum que esse tipo de gênero advindo de meios audiovisuais passe por uma série de cuidados de modo a evitar que expressões muito marcadas sejam mais evidentes ao expectador do que o conteúdo veiculado. Entretanto, ainda assim, as características da linguagem oral, com a presença de gestos e outras particularidades típicas das falas não planejadas aparecem.

Numa análise de classificação dos gestos associados aos referentes verbais, a maioria deles se deu por uma AD + GI ou GM, entretanto, a maior ocorrência foi de GI. Outra consideração a ser pontuada é que a organização textual e a estratégia discursiva desenvolvida parecem estar em função da questão ideológica que não deixa de fazer parte desse programa.

Referências

BENTES, A. C.; RIO, V. C. A construção conjunta da referência em uma entrevista semimonitorada com jovens universitários. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 265-291.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do GELNE**, v. 12, n. 2, 2010.

CAVALCANTE, M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

DIONISIO, A. P. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (Orgs.). **Fala e escrita**. 1. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 177-196

FÁVERO, L. L. Linguística textual: memória e representação. In: **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**. n. 14 (2), 2012. p. 225-233. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/download/59911/63020>>. Acesso em: 11 out. 2014.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. G.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004, p. 251-299.

MARCUSCHI, L. A. Atos de referenciação na interação face a face. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. n. 41, 2001, pp. 37-54. Disponível

em:<<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1772>>. Acesso em 02 out.2015.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto**: o que é e como se faz. São Paulo: Parábola, 2012.

MONDADA, L. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 1131.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

NÚCLEO DE INVESTIGAÇÕES SOBRE GÊNEROS TEXTUAIS (NIG-UFPE) **Fala e Escrita**. [Vídeo] julho de 2012. Disponível em: <<http://www.nigufpe.com.br/serieacademica/volumes/volume-2-fala-e-escrita/>>. Acesso em: 11 jul. 14.

PEREIRA, A. C. C. **Os gestos das mãos e a referenciação**: investigação de processos cognitivos na produção oral. 2010. 148 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

RAMOS, P. Estratégias de referenciação em textos multimodais: uma aplicação em tiras cômicas. In: **Linguagem em (Dis)curso** [online]. v.12, n. 3. pp. 743-763. Tubarão - SC, 2012. ISSN 1518-7632. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S151876322012000300005>>. Acesso em: 28 jul.2014.

RANIERI, T. L. da S. **Estratégias de construção da referência em práticas pedagógicas**. 2015. 220 f. Tese (Doutorado em linguística) – Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SILVA, I. J. da. **Referenciação e multimodalidade**: construções verbo-gestuais em um programa de TV via web. 2015. 75 f. Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Serra Talhada, 2015.

VEJA. TVeja - Salto agulha. **A gastança do bando paramilitar de Stédile** [vídeo – 2m55s]. Editora Abril S.A. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/multimedia/video/agastanca-do-bando-paramilitar-de-stedile>>. Acesso em: 15 mar. 2015.